

TÔ DENTRO!

Para o alto e avante

Casal que idealizou projeto Montanha para Todos lança cadeira de rodas adaptada no Rio

FOTOS DE DIVULGAÇÃO



ANA PAULA BLOWER
apaula.blower@oglobo.com.br

Há pouco mais de dois anos, Guilherme Simões fez uma promessa a Juliana Tozzi: ele a levaria para onde ela quisesse. Depois de superar um câncer de mama, já grávida de Benjamin, filho do casal, Juliana havia sido diagnosticada com uma síndrome neurológica rara, a degeneração cerebelar paraneoplásica, que limita seus movimentos. Apaixonados por atividades ao ar livre, os dois decidiram, juntos, que não abandonariam suas aventuras. Em uma primeira tentativa, subiram a Pedra da Macela, em Cunha, São Paulo, com uma cadeira de rodas convencional. Perceberam que seria preciso adaptá-la, pelos percalços que encontraram no caminho. Assim surgiu a ideia de uma cadeira especial para trilhas e montanhismo. Nasceu, pouco tempo depois, a Julietti.

No próximo sábado, o casal de engenheiros estará em Petrópolis, no Rio, para lançar sua invenção na região e contar um pouco mais desta história de sucesso (*veja mais na nota ao lado*). Os dois já distribuíram 14 Juliettis por parques do Brasil, para que pessoas com deficiência de vários cantos do país possam desbravar a natureza. E ainda disponibilizam a cadeira adaptada gratuitamente para empresas de turismo e associações. Pensando em tornar a invenção ainda mais acessível, criaram há um ano o Montanha para Todos, projeto que está prestes a se tornar uma ONG.

— No início, ninguém acreditava que eu a levaria para as montanhas. Hoje fico



muito emocionado por poder realizar esses sonhos — diz Guilherme.

Com um passaporte carimbado e tendo viajado por mais de 30 lugares no Brasil, o engenheiro lembra que desde o início tinha uma boa ideia de como deveria ser uma cadeira adaptada para Juliana. Pesquisando, descobriu na Europa um modelo semelhante ao que procurava, mas com custo de importação superior a R\$ 30 mil.

Diante disso, buscou e guardou fotos para criar uma cadeira própria. As imagens serviram como base, e Guilherme foi mudando e adaptando o projeto até deixá-lo pronto para explorar terrenos já

bastante conhecidos pelo casal.

— A Julietti é alta para passar por pedras estreita para passar por alguns caminhos e tem uma roda só. Hoje, estamos no quarto modelo, que conta com amortecedor para dar conforto. E ainda é mais leve, tem seis quilos a menos — explica Guilherme. — É muito prazeroso, mas cansativo. O ideal é ir com uns seis amigos para revezar e trocar a dupla que leva a Julietti.

Desbravar montanhas mundo afora a bordo da cadeira exige mesmo um trabalho de equipe. Por isso, a intenção do casal é construir um banco de voluntários e associados, que contribuam com valor financeiro ouaju-

Em família. Guilherme Simões e Juliana Tozzi em uma de suas viagens. Ao lado, a Julietti, cadeira adaptada por ele para a prática de montanhismo

dando nas trilhas.

— O projeto nos dá força. O que aconteceu conosco é sério, limitador. Era para ter nos deixado presos. Trabalhávamos muito, tínhamos uma vida bem ativa e, do dia para a noite, a Ju não podia ficar em pé, ir ao banheiro ou escovar os dentes sozinha — lembra. — Quando vimos nossa história repercutindo e as pessoas nos procurando, percebemos que havia algo de especial. Nossa missão é espalhar a ideia de que é possível. Queremos cada vez mais desafios, ir cada vez mais longe.

Hoje, Juliana faz terapias, como fisioterapia e preparação física, todos os dias. Ela implantou recentemente eletrodos no cérebro para amenizar os tremores que sofre. Sempre em busca de inovações, o casal compartilha o que descobre e cria com outras pessoas, por meio das redes sociais, de palestras e consultorias.

Um dos próximos projetos da família é uma expedição por vários países da Europa, da África e da Ásia. Eles buscam patrocínio para deixar Juliettis em alguns dos lugares que visitarem. Juliana quer ainda ser a primeira pessoa em cadeira de rodas a escalar uma montanha com mais de 6 mil metros de altitude, na Bolívia, o ponto de partida. Na volta ao Brasil, percorrerão o país divulgando o projeto com palestras e se adaptando a uma nova vida: o casal e Benjamin viverão em um *motorhome*.

Para saber mais sobre o projeto, como ajudar e onde é possível encontrar Juliettis para reservar, acesse o site <montanhaparatodos.com.br>. ●

PARA TODOS

Em Petrópolis

Acontece no próximo sábado o lançamento da Julietti, a cadeira adaptada para montanhismo, em Petrópolis. O evento é às 13h30m, no Centro de Cultura Raul de Leoni, que fica na Praça Visconde de Mauá 305, Centro. Guilherme e Juliana, casal que idealizou o Montanha Para Todos, darão uma palestra. Mais informações: trilhasnaserra.petropolis@gmail.com.

Autismo em foco

O PIPA, projeto que desenvolve atividades ligadas ao autismo, está expandindo sua atuação pelo Brasil. No Rio, um grupo de psicanalistas integra a iniciativa e atende na Barra da Tijuca e no Largo do Machado, de segunda a sábado. Eles também dão cursos de formação para mediadores que trabalham com crianças autistas e realizam seminários mensais. Para mais informações, entre em contato pelo telefone (21) 98123-8703.

Folia inclusiva

O Tã Pirando, Pirado, Piroul, de pacientes e funcionários da rede pública de saúde mental do Rio, coloca o bloco na rua no próximo domingo. A concentração é às 15h na Avenida Pasteur, em frente à Companhia de Pesquisas Minerais, e vai até o Pão de Açúcar. Com enredo que homenageia Dona Ivone Lara, este ano o desfile tem participação da bateria do Império Serrano e da Fanfarra Os Siderais.



Bloco. 'Tã pirado' sai no domingo

A seção *Tô dentro!*, sobre iniciativas que promovem a inclusão de pessoas com deficiência e histórias de superação, sai às segundas-feiras. Envie sugestões para <sociedade@oglobo.com.br>.

Produção: Andrea Apolonia <andreaapolonia@globo.com>. Conheça o blog <<http://blogs.oglobo.globo.com/to-dentro>>.

antonio.gois@jeduca.com.br

ANTÔNIO GOIS



EDUCAÇÃO

Efeito Sisu

Sistema facilitou migração entre estados e aumentou nota de corte para universidade, mas também levou a maior evasão

Quando, em 2009, o então ministro Fernando Haddad anunciou mudanças no Enem e a criação do Sisu (Sistema de Seleção Unificada), havia uma expectativa de que o novo modelo ajudasse a democratizar o acesso ao ingresso no ensino superior. Em vez de ter que prestar vários vestibulares isolados, o aluno passaria a ter, apenas com a nota do Enem, a possibilidade de conquistar uma vaga em qualquer instituição do país que aderisse à plataforma. Quase dez anos após o anúncio da mudança, já temos estudos identificando impactos positivos e negativos.

A PESQUISADORA DENISE LEYI LI (USP) investigou o perfil dos ingressantes em cursos superiores entre 2006 e 2014 e descobriu que o Sisu de fato levou a um aumento no número de estudantes que conseguiram ingressar numa universidade de outro estado por causa do sistema. Esse efeito é mais intenso em carreiras mais concorridas. É o caso de Medicina, tendo algumas reportagens já identificado casos de universidades do Norte e Nordeste que chegaram a ter entre seus calouros mais da metade de estudantes de outros estados.

Essa maior concorrência por uma vaga le-

vou também a um aumento nas notas de corte. É o que mostra outro estudo, das pesquisadoras Cecília Machado (FGV) e Christiane Szerman (PUC-Rio). Elas identificaram que as universidades que aderiram ao Sisu passaram a receber alunos com notas significativamente maiores no Enem, resultado do aumento da concorrência, antes restrita aos candidatos que se inscreviam nos vestibulares locais.

O novo sistema, portanto, permitiu às universidades selecionar alunos de maior nota e aumentou as chances de candidatos com boas notas. São resultados positivos, mas há também efeitos colaterais indesejados. Um deles, identificado no estudo de Denise Li, é que alunos mais pobres apresentam menores chances de migrar para outros estados. A pesquisa não permite dizer qual a causa,

mas certamente por terem menores condições financeiras de se manterem em outros estados e possivelmente pelo fato de terem notas menores no Enem esses alunos acabam não se beneficiando tanto quanto os outros.

Outra conclusão importante do trabalho de Denise Li foi o fato de o Sisu ter levado a um crescimento de 4,5% na possibilidade de evasão no primeiro ano e também de ter aumentado a chance de um aluno mudar de curso antes de sua conclusão.

Para a autora, uma das hipóteses para explicar o aumento da evasão seria o custo financeiro de uma migração para outro estado. Outra razão seria o arrependimento quanto ao curso ou à instituição, já que o Sisu facilitou o ingresso em cursos que não seriam a primeira escolha do candidato.

Apesar desses efeitos colaterais, o estudo identificou que as taxas de evasão se reduzem bastante quando alunos recebiam algum auxílio social da universidade. É uma sinalização importante. Indica que as universidades não estavam devidamente preparadas para receber esse novo perfil de aluno e reforça que é preciso criar mais estruturas de apoio aos universitários, especialmente os de menor renda. ●